

EM BUSCA DE ESPAÇOS DE SENTIDOS

Cindy Fujii Matsu ¹, Prof. Dr. Munir Jorge Felício ²

¹ Graduando da Faculdade Comunicação Social da FACOPP. ² Pesquisador da UNOESTE e UNESP, docente da FACOPP. E-mail: cindyfujii@hotmail.com

RESUMO

O cosmo humano e a comunicação social se desenvolvem com implicações recíprocas por constituírem, simultaneamente, o produto e o processo cultural. É imprescindível preservar a memória cultural formada por um conjunto de objetos materiais e imateriais desenvolvidos no decorrer da história com a finalidade de adaptar melhor o ser humano ao seu meio. A comunicação pode ser compreendida como extensão do próprio corpo humano uma vez que ela lhe é inerente e como tal, se desenvolve como um sistema autopoietico por produzir, com seu protagonismo e, de forma independente, a sua própria estrutura, bem como, todos os elementos de que compõe esse sistema.

Palavras-chave: cultura; comunicação; espaço de sentido; cosmo humano

INTRODUÇÃO

Este texto faz parte de um projeto de pesquisa que visa compreender a comunicação social como extensão do ser humano, comunicação que se consolida num sistema autopoietico. Trata-se de um sistema que se auto reproduz por causa e, em função das relações humanas, e, simultaneamente, como produtora cultural de objetos materiais e imateriais, por se considerar que não há vida humana sem comunicação. Almeja-se ampliar também a compreensão do desenvolvimento da ciência denominada comunicação social, assim como a sociedade, suas instituições e a importância da construção e da preservação da memória cultural.

Os debates, as discussões e as reflexões serão impulsionados pela leitura das análises dos teóricos como McLuhan (2007); Martin-Barbeiro e Rey (2001); Mazoyer e Roudart (1998); Kosik (1985); Bordenave (2006); Arbex Junior (2001); Felício et al. (2011) e Kunzler (2004), retirando dessas contribuições significativas e interpretações com as quais compreender o como e o porquê das tecnologias serem ampliações das extensões do corpo e da inteligência humana. E, que impactos são provocados com essas extensões na construção da realidade social?

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO EXTENSÃO

A realidade social atual configura um todo harmônico onde se desenvolve o cosmo humano composto pela biosfera, antroposfera e blogosfera. A biosfera encontra-se em pleno desenvolvimento desde o período neolítico (Mazoyer e Roudart, 1998) em que o ser humano

procura adquirir destreza para conhecer as potencialidades dos solos que, juntamente com os climas, visa gerar vida por meio da poesis. Essa é compreendida como toda transformação provocada e controlada pelo ser humano diante da natureza, objetivando a garantia da reprodução da espécie.

Antroposfera consiste num conjunto de objetos materiais e imateriais desenvolvidos pela práxis humana ao longo da história, para adaptá-lo melhor ao meio. Práxis direta ocorre quando os corpos humanos se tangem e/ou indireta quando os relacionamentos humanos são mediados. Quando essa mediação for exercida por um ou mais veículos midiáticos surge, então, a blogosfera, cuja análise vem sendo objeto de estudo de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, dentre os quais, se destacam Mcluhan (2007) e Martin-Barbero e Rey (2001).

Mcluhan (2007) compreende o desenvolvimento dos meios de comunicação como extensão do próprio ser humano, porque “qualquer extensão – seja da pele, da mão, ou do pé – afeta todo o complexo psíquico e social [...] e, a necessidade de entender os efeitos das extensões do homem se torna cada vez mais urgente” (MCLUHAN, 2007, p. 18). Preocupado com a abrangência da comunicação de massa, Herbert Marshall Mcluhan, analisa, desde a década de 1960, a complexíssima rede de comunicações em que está imerso o ser humano na era da eletrônica, da cibernética, da automação, e que afetam profundamente sua visão e sua experiência do mundo, de si mesmo e dos outros. Abordagens como essas serão também analisadas por Martin-Barbero e Rey (2001).

Por meio das análises de Mcluhan (2007) compreendem-se como as tecnologias ampliaram as extensões do corpo e da inteligência humana. Ele demonstra que essas extensões provocaram diversas alterações na compreensão do cosmo humano levando, do mundo linear, aristotélico, tipográfico, mecânico, da Primeira Revolução Industrial, para o mundo audiotátil, tribalizado, cósmico, da Segunda Revolução Industrial, a era eletrônica em cujo limiar o globo se encontra neste início de terceiro milênio. Por isso,

[...] na era da eletricidade, quando o nosso sistema nervoso central é tecnologicamente projetado para envolver-nos na Humanidade inteira, incorporando-a em nós, temos necessidade de envolver-nos, em profundidade, em cada uma de nossas ações (MCLUHAN, 2007, p. 18).

Esse envolvimento foi objeto das análises de Martin-Barbero e Rey (2001) quando refletiram sobre as complexidades de linguagens e escrituras da imagem, as imagísticas e os imaginários, afirmando que

O ocultamento do real produzido pelo discurso audiovisual da

informação, no qual a substituição da *cifra simbólica*, elo entre o passado e o presente, pela fragmentação exigida pelo espetáculo transforma o desejo de saber em mera pulsão de ver (MARTIN-BARBERO e REY, 2001, p. 16-17. Grifos no original).

Essa pulsão de ver incrementa atualmente o uso das redes sociais, dos blogs, dentre outros, compondo as novas mídias ao inaugurarem caminhos para um novo olhar e com ele emerge a crise de representação na medida em que os espaços deixam de ser domésticos e/ou coletivos e se transformam em difusos e homogêneos. A rede mundial de computadores configura essa realidade difusa e homogênea interligando as pessoas de todos os rincões do globo, o que elimina as distâncias geográficas. Mas, será que também elimina as distâncias socioeconômicas e culturais?

As mídias vivem dos medos, demonstram as análises de Martin-Barbero e Rey (2001), ao estudar a relação dos seres humanos com o real. Procuram diagnosticar as mediações que se dão entre as lógicas de produção e as lógicas de recepção, entre as matrizes culturais e os formatos industriais. Discutem o poder da televisão sobre o imaginário das pessoas. Entendem que a virtualidade e a construção dos simulacros ocupam as relações sociais de antes, quando eram desenvolvidas pelas práxis diretas e/ou indiretas. Essa substituição propicia as condições sociais por meio das quais, facilmente pode ser confundidas a manifestação fenomênica da realidade com a sua real essência. Em outras palavras, pode ser confundida a aparência com a essência.

DA APARÊNCIA À ESSÊNCIA

Para distingui-las Kosik (1985) explica que a realidade não se apresenta aos seres humanos à primeira vista. É o indivíduo que a partir de sua situação “cria suas próprias representações das coisas e elabora todo um sistema correlativo de noções que capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade” (KOSIK, 1985, p. 10). Pela percepção, o aspecto fenomênico da realidade é captado pelo ser humano de forma imediata e se desenvolve pelo pensamento concreto. O aspecto aparente e fenomênico é necessário, mas insuficiente, pois;

captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde. Compreender o fenômeno é *atingir* a essência. Sem o fenômeno, sem a sua manifestação e revelação, a essência seria inatingível (KOSIK, 1985, p.12. Grifos no original).

O desenvolvimento do cosmo humano consiste na ininterrupta atividade visando à produção de sentidos para encontrar a essência e compreender as contradições que lhes são inerentes. A produção de sentidos é própria do ser humano, ser pensante e falante. E, é nessa condição, que ele desenvolve a comunicação social como uma de suas extensões.

Para Bordenave (2006) a penetração e a difusão dos meios de comunicação aumentaram tanto suas influências sociais que se tornaram indispensáveis para exercer poder e domínio sobre os mais diversos campos de atividade humana:

É próprio da comunicação contribuir para a modificação dos significados que as pessoas atribuem às coisas. E, através da modificação de significados, a comunicação colabora na transformação das crenças, dos valores e dos comportamentos. Daí o imenso poder da comunicação. Daí o uso que o poder faz da comunicação (BORDENAVE, 2006, p. 93).

Os meios de comunicação que deveriam servir a todos acabam servindo, principalmente, aos anseios políticos e econômicos. Bordenave afirma que foram mobilizados inúmeros tipos de medidas para a realização da manipulação da comunicação. Entre os fatores que o autor destaca estão a censura, a manutenção de massas na ignorância sobre certo assunto e os métodos de repetição rítmica e ritual que condicionam as pessoas. Ressalta também a manipulação da linguagem com o uso de eufemismos. Esse uso pode ser exemplificado através de reportagens que substituem palavras enfáticas por termos que carregam um peso menor.

Compulsoriamente muitos jornalistas encontram-se atrelados por uma determinada opção ideológica editorial que quase sempre é imposta pelo proprietário do veículo, cuja finalidade consiste na produção, por meio da qual, os interesses do proprietário e de seu capital, prevaleçam. Cada vez mais os investimentos financeiros canalizam recursos em direção do desenvolvimento da informação, da comunicação, na indústria produtora de equipamentos naquilo que ficou denominado “indústria cultural”:

A chamada “indústria cultural”, isto é, a exploração comercial dos recursos de comunicação, tornou-se uma das mais atraentes inversões de capital e, conseqüentemente, grandes corporações passaram a ser proprietárias de redes de comunicação e de empresas que manufaturam equipamentos para as mesmas (BORDENAVE, 2006, p. 34).

Nas análises de Arbex Junior (2001) o desenvolvimento da “indústria cultural” criou diversos mecanismos para atender aos anseios do capital, dentre eles o mecanismo do espetáculo, amplamente usado pela mídia para transformar a notícia em show. Ele demonstra que a notícia

como show tem retorno “quase” certo. E como artifícios componentes da construção do espetáculo, estão as diversas formas do uso de recursos como fotos, filmagens, músicas, que são considerados incontestáveis pelo público, pois criam uma atmosfera de veracidade e confere um caráter mais imparcial a notícia.

Ao explorar a manipulação dos fatos transformando a notícia em show, o autor cria o termo Showrnlismo, abordando o processo de “embelezamento” pelo qual a informação passa, para adquirir uma nova roupagem, e gerar lucros. O espetáculo é apenas um produto nas mãos dos editores. O que vai ou não ser divulgado é minuciosamente analisado, tendo em vista as possibilidades de rentabilidade ou possíveis prejuízos aos financiadores dos veículos de comunicação. Eis como acontece o domínio e o controle do capital.

As notícias podem ser vetadas ou manipuladas, a ponto de, muitas vezes, fazer com que sejam divulgadas reportagens que não condizem com a realidade fática:

Ora uma das conseqüências da prática de apresentar o jornalismo como “showrnlismo” é o enfraquecimento ou o total apagamento da fronteira entre real e fictício. Esse novo cenário do império das imagens, da experiência do mundo vivida por meio da tela planetária, obriga o historiador, ou crítico da cultura, a lançar um novo olhar sobre a teia de relações estabelecidas entre meios de comunicação de massa e a conjunto das instituições econômicas, políticas, culturais, científicas e sociais (ARBEX, 2001, P. 32).

Arbex Junior (2001) constata que existe a realidade e a representação dela. Esta pode ser alterada conforme os interesses dos proprietários midiáticos. A partir disso, uma averiguação das informações seria a confirmação de que existem imagens criadas pelos veículos comunicadores que foram tomadas como verdadeiras, mas que não refletem o que realmente existe.

AS CONDIÇÕES HISTÓRICAS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO

Por meio dos recursos tecnológicos de aperfeiçoamento do real aumenta a fascinação pelo ideal realizado no simulacro e, simultaneamente, delimita cada vez mais os contornos entre um e outro. À medida que os meios de comunicação de massa controlam e dominam esses limites a tendência é aumentar sua influência na sociedade como demonstraram as análises de Felício et al. (2011).

Os meios de comunicação de massa influenciam a sociedade através de mecanismos manipuladores usados para atender os objetivos particulares de empresas que financiam a mídia. Dessa forma é observado que o conteúdo absorvido pelo público pode não corresponder com a realidade factual. Necessário, portanto, diferenciar duas abordagens existenciais: uma na

realidade fática e outra na realidade imagética. Pois “nas relações sociais as manifestações fenomênicas são indispensáveis, todavia, não são totalmente suficientes para reter o conhecimento da realidade fática que emergem dessas manifestações”, como compreendem Felício, et al.(2011, p.6).

Para conhecê-las é imprescindível construir as condições históricas para decifrá-las e, assim, interpretar os fenômenos e reter sua essência. A abstração proporciona transpor da realidade fática para a realidade imagética. Assim,

Determinada pela sua bagagem cultural, a realidade compreendida por um indivíduo é aquela que predomina entre os demais ambientes. Entretanto, o mundo é percebido de diversas formas, já que o homem é um ser social, isto é, ele vive em uma sociedade e além desta sociedade há muitas outras, surgindo, por conseguinte, o confronto entre os pontos de vista, entre as percepções das realidades (FELÍCIO et al, 2011, p. 10).

A percepção do mundo em diversas formas compõe o sistema social na compreensão de Niklas Luhmann como fora analisado por Kunzler (2004). Para explicar que sem comunicação não existem relações humanas e nem vida propriamente dita, Kunzler (2004) ao estudar as análises de Luhmann compreendeu que a comunicação é um sistema autopoietico, pois

Pode-se dizer que um sistema é autopoietico quando ele produz sua própria estrutura e todos os elementos que o compõem, incluindo o último elemento não mais passível de decomposição que, no caso dos sistemas sociais, é a comunicação e dos sistemas psíquicos é o pensamento. O sistema é constituído somente por elementos produzidos internamente (KUNZLER, 2004, p.128).

CONCLUSÃO

É da inerência humana a necessidade do desenvolvimento comunicacional, pois sem comunicação não existem relações humanas e nem vida propriamente dita. Ser humano e comunicação só podem ser dissociados por meio dos exercícios da abstração. A fala como a mais antiga invenção técnica desenvolvida na historia constitui uma tecnologia da explicitação por proporcionar o deslocamento de uma coisa para outra com desenvoltura e rapidez. É por essa razão que se compreende que a linguagem é para a razão o que a roda é para os pés, como explicou McLuhan. É com essa desenvoltura que vai sendo criado o cosmo humano com a ininterrupta atividade para a produção de sentidos visando encontrar a essência e compreender as contradições que lhes são inerentes.

REFERÊNCIAS

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnlimo: a notícia como espetáculo**, São Paulo: Casa Amarela, 2002

BORDENAVE, Juan Dias. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FELICIO, M.J; SAMIZAVA, F.M; NICOLETTI, T.B, BOZZA, V.P; ARAKI, V.A.T(2011). **As condições históricas para a produção de sentido**. *Revista Identidade Científica*. Presidente Prudente, ano 2, edição 3, p 1-11, maio. 2011.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KUNZLER, Caroline Moraes. **A Teoria dos Sistemas de Niklas Luhmann**. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, 16, 123-136, 2004.

MAZOYER, M. & ROUDART, L. **História das agriculturas do mundo: do neolítico à crise contemporânea**. Lisboa: Ed. Histórias e Monografias, 1998.

MCLUHAN Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 15ª reimpr. da 1ª ed. de 1969. São Paulo: Cultrix, 2007.

MARTIN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Editora Senac, 2001.